

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

A INDISSOCIABILIDADE ENTRE GÊNERO, RAÇA/ETNIA E CLASSE NO SERVIÇO SOCIAL: Impactos na produção de conhecimento, formação e cotidiano profissional

Bruna Cristina Faustino de Souza¹

RESUMO

A admissão da teoria marxista possibilitou um Serviço Social alinhado à defesa intransigente dos direitos da classe trabalhadora. Ainda sim, observamos importantes desafios quando pensamos na discussão da apreensão da indissociabilidade das relações sociais de gênero, raça/etnia e classe no contexto da profissão, com rebatimentos importantes na produção de conhecimento, na formação e na atuação profissional no campo das políticas públicas. Diante deste cenário, este artigo visou refletir sobre os limites e possibilidades no que concerne tal discussão. No curso da análise bibliográfica empreendida identificou-se que a apropriação dos elementos sócio-históricos de nosso país, o enfrentamento ao colonialismo, o confronto da dominação eurocêntrica das universidades e a oposição ao reducionismo econômico do legado marxista, já em curso nas ações engendradas por parte da categoria, apresentam-se como caminhos importantes para o adensamento deste debate.

Palavras-chave: Serviço Social; Totalidade; Relações de gênero, raça/etnia e classe;

ABSTRACT

The admission of the Marxist theory made possible a Social Service aligned with the uncompromising defense of the rights of the working class. Even so, we observe important challenges when we think about the discussion of the apprehension of the inseparability of the social relations of gender, race/ethnicity and class in the context of the profession, with important repercussions on the production of knowledge, training and professional performance in the field of public policies. Given this scenario, this article aimed to reflect on the limits and possibilities regarding such discussion. In the course of the bibliographical analysis carried out, it was identified that the appropriation of the socio-historical elements of our country, the confrontation with colonialism, the confrontation of the Eurocentric domination of the universities and the opposition to the economic reductionism of the Marxist legacy, already in course in the actions engendered by part of of the category, are presented as important paths.

Keywords: Social Work; Totality; Gender, race/ethnicity and class relations;

¹Assistente Social, especialista em Urgência e Emergência pela Universidade Federal de São Paulo, mestranda em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

1. INTRODUÇÃO

O surgimento do Serviço Social vincula-se com a transição do capitalismo concorrencial ao monopolista que, em seu processo de expansão, passa a exigir profissionais capacitados na articulação de consensos diante do antagonismo de classes, no sentido de atenuar os conflitos sociais e promover o pleno desenvolvimento capitalista. Neste sentido, a profissão é chamada a intervir no seio da contradição entre os que demandam seus serviços – capital e Estado – e aqueles que o recebem – trabalhadores (as).

A emergência desta profissão se inscreve no leque de respostas estatais às expressões da questão social, que se viabilizou, em grande medida, por meio das políticas sociais. As (os) assistentes sociais, em seu percurso histórico, apresentam-se como sujeitos de destaque na construção, implementação, execução terminal e avaliação das políticas sociais no Brasil, sendo que a história dessa profissão, por vezes, mescla e circunscreve a história das políticas sociais neste país.

No curso histórico do Serviço social no Brasil, seu passado tradicional e conservador ganha destaque, bem como sua relação intrínseca com a igreja católica, que marca sua gênese. Esta profissão, contudo, em meados dos anos 1980, também vivencia um importante giro, ao incorporar os pressupostos da teoria marxista, elemento que oportunizou seu amadurecimento intelectual e sua renovação crítica.

A admissão da teoria marxista possibilitou um Serviço Social alinhado às lutas políticas, com uma importante incidência na defesa intransigente dos direitos da classe trabalhadora. Ainda sim, observamos importantes desafios quando pensamos na discussão da apreensão da indissociabilidade das relações sociais de gênero, raça/etnia e classe no contexto da profissão, com rebatimentos importantes na produção de conhecimento e na formação, bem como na atuação profissional no campo das políticas públicas, importante espaço de intervenção dessa categoria.

Por vezes, parte das análises estabelecidas pelo Serviço Social, não estabelecem reflexões acerca da unidade dialética existente na relação entre gênero,

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

raça/etnia e classe bem como na indissociável conexão estabelecida entre opressão e exploração no contexto do capitalismo. Ir às raízes de tal unidade dialética, portanto, ainda se coloca como um importante desafio para nossa categoria profissional.

Com esta premissa, a partir de uma pesquisa de caráter bibliográfico, objetivamos empreender uma breve reflexão sobre os limites e possibilidades da compreensão e admissão da unidade dialética existente entre gênero, raça/etnia e classe no Serviço Social brasileiro e seus rebatimentos na formação, produção de conhecimento e cotidiano profissional.

2. GÊNERO, RAÇA/ETNIA E CLASSE NO SERVIÇO SOCIAL: IMPACTOS NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO, FORMAÇÃO E COTIDIANO PROFISSIONAL

O avanço do capitalismo e de seus corolários estabelecem um terreno complexo e diversificado, com potência para o comprometimento irreversível da sobrevivência humana (ANTUNES, 2022). Este sistema se materializa como uma engrenagem destrutiva, que não possui qualquer limite na acumulação de riquezas para a porção que se apropria do trabalho socialmente produzido. A realidade da classe que vive do trabalho, neste contexto, basilar para a manutenção desta lógica de dominação, se intensifica em níveis estarrecedores, com um destaque significativo para sua parcela racializada e generificada.

Quando observamos alguns indicadores sociais com base em políticas sociais de educação, emprego, trabalho, moradia, entre outros, constatamos uma desvantagem sistemática das mulheres em relação aos homens e do conjunto de negros de ambos os sexos em relação aos brancos. Essa desvantagem é particularmente acentuada no caso das mulheres negras. Este plano de fundo apresenta-se, igualmente, no cotidiano de intervenção do assistente social - que se insere em grande medida no conjunto de intervenções das políticas públicas, seja em seu planejamento, construção, execução terminal ou avaliação.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



As bases materiais para a compreensão dessa realidade no cotidiano de intervenção profissional das (os) assistentes sociais de forma crítica, contudo, ainda encontram percalços importantes. No Brasil, o Serviço Social nasce vinculado a igreja católica e seu apostolado, compreendendo a questão social como um problema moral e religioso. As discussões acerca das relações raciais e de gênero, neste bojo, não são suficientemente problematizadas, uma vez que as reflexões da categoria privilegiam as ações direcionadas à "resolução" moral das contradições de classe (EURICO, 2013, p. 292).

A conjuntura socioeconômica e político cultural mundial e latino americana dos anos 1950 e 1960, contudo, oferecem um novo terreno para o processo de renovação do Serviço Social brasileiro, tendo no contexto de crise do padrão de desenvolvimento capitalista do pós-guerra (NETTO, 2005), no agravamento das desigualdades, no acirramento das lutas sociais e na mobilização das classes subalternas o seu plano de fundo (BARROCO; TERRA, 2012).

Com a efervescência político econômica e cultural e seu clima favorável ao questionamento de valores tradicionais, temos em 1965 o chamado movimento de reconceituação em toda a América Latina, que coloca em questão o Serviço Social tradicional, desvelando o papel político da profissão, questionando seus referenciais a-históricos e a-críticos e reivindicando uma intervenção comprometida com a classe trabalhadora.

O caminho percorrido pela profissão no Brasil é permeado por diversas modificações sócio-históricas, que consolidam um Serviço Social maduro, especialmente, na década de 1980, com a incorporação da teoria social marxista e a consolidação de seu projeto ético político, o que propicia um giro fundamental na compreensão da realidade por esta categoria profissional. O Serviço Social, em sua linha histórica, incorpora o ideal de defesa intransigente dos direitos da classe trabalhadora, admitindo o legado marxista em seus fundamentos teóricos, metodológicos e ético-políticos.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

A construção social brasileira estabelecida sob a égide da invasão, do saqueamento e do genocídio no contexto do sistema colonial e de sua base de sustentação - a escravidão e o racismo - moldam a materialidade das relações sociais em nosso país. Essa compreensão, contudo, nem sempre foi admitida como elemento central nas análises estabelecidas no Serviço Social ao longo de sua história, mesmo após o processo de renovação crítica vivenciado por esta categoria.

Assis (2022) apresenta que a produção científica de referência do Serviço Social acerca da questão social - elemento central para as discussões apreendidas na profissão - centrou sua análise, por vezes, na dinâmica do trabalho e das classes sociais, desconsiderando ou secundarizando a determinação central do racismo no âmbito da dominação capitalista:

“A produção bibliográfica de referência no Serviço Social sobre a questão social centrou a análise sobre a dinâmica do trabalho e das classes sociais no Brasil, a fim de apreender a totalidade social. Contudo tal empreitada não pode ser consistentemente realizada, pois não considerou que durante o maior período de existência deste país o trabalho fora realizado de maneira escravizada. Qualquer conhecimento sobre a constituição histórica da sociedade brasileira que não busque compreensão da dinâmica social abarcando o racismo como sua determinação central, não poderá extrair todas as consequências teóricas e políticas advindas da colonização, constituinte basilar da formação social e econômica brasileira. O racismo é uma racionalidade legada pela colonização que se tornou a base de conformação da sociabilidade capitalista” (ASSIS, 2022, p. 242).

Ao observarmos a determinação central do gênero, igualmente, constatamos certos desencontros. Em “O capital”, livro 1, Marx reconhece a “força de trabalho” como “mercadoria especial”, uma vez que se apresenta como elemento fundante na criação de valor, sendo componente motriz para o domínio capitalista (MARX, 2013 [1867]).

A produção e a reprodução diária e geracional da força de trabalho, neste sentido, apresenta-se como importante ponto a ser evidenciado, ao lado do recorrente papel imposto às mulheres nas sociedades capitalistas. No que concerne essa discussão, Fonseca (2019, p. 14), em análise da obra de Lise Vogel (2013), destaca:

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



“A autora estabeleceu como premissa de sua investigação a produção e reprodução diária e geracional da força de trabalho, categoria essencial para a teoria marxiana do valor-trabalho. Vogel (2013) questionou como essa mercadoria especial – responsável pela produção de mais-valia e de todas as outras mercadorias – seria produzida e reproduzida em uma sociedade capitalista. A resposta, inevitavelmente, levava à necessidade de uma análise mais profunda da relação estrutural existente entre produção capitalista e os processos cotidianos de produção da vida, realizados, em sua maioria, através de trabalho não-remunerado feminino no âmbito doméstico. À esta análise caberia explicar a permanência da responsabilidade desproporcional atribuída às mulheres e do caráter desvalorizado deste trabalho, que envolvia uma miríade de atividades de manutenção e reprodução geracional da força de trabalho ativa e da superpopulação relativa, incluindo o exército industrial de reserva e aqueles inaptos para o trabalho”.

Com tal exame, a autora nos convida a refletir sobre a capacidade de geração de vida como base material da dominação, opressão e alienação de mulheres, evidenciando como a produção de bens e serviços e a reprodução da vida são partes de um processo integrado no âmbito das sociedades capitalistas.

Essas constatações nos oferecem subsídios para a compreensão da relação indissociável entre gênero, raça/etnia e classe, que precisa ser evidenciada e compreendida em seu princípio organizativo, ocupando um lugar de centralidade nas análises engendradas, o que nem sempre se materializou na produção científica e na formação profissional das(os) assistentes sociais, mesmo com a incorporação do legado marxista e a admissão de categorias fundantes de tal perspectiva teórica, como a totalidade social.

Barroso (2018) reflete sobre a indissociabilidade entre opressão e exploração, bem como a relação intrínseca das relações sociais de gênero, raça/etnia e classe. A autora pontua que ao admitirmos os postulados da teoria social crítica, a categoria de totalidade nos convida a compreender o capitalismo como sistema histórico, dinâmico e contraditório, com relações complexas em seu interior, o que impossibilita a admissão de olhares fragmentados sobre sua lógica.

“[...] para Marx, produção e reprodução formam uma unidade indivisível. Em outras palavras, enquanto são distintas e apresentam características específicas, produção e reprodução são necessariamente combinadas como momentos concretos de uma totalidade articulada. Reprodução é entendida

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

aqui como o processo de reprodução da sociedade como um todo, ou em termos althusserianos, a reprodução das condições de produção: educação, indústria cultural, Igreja, polícia, exército, sistema de saúde, ciência, discursos de gênero, hábitos de consumo, etc. todos estes aspectos desempenham um papel crucial na reprodução de relações específicas de produção. Althusser notou em “Idéologie et appareils idéologiques d’État” que sem a reprodução das condições de produção, uma formação social não poderia se manter nem por um ano (ALTHUSSER, 1976). É essencial, contudo, não entender a relação entre produção e reprodução de uma forma mecanicista ou determinista. De fato, se Marx entende a sociedade capitalista como uma totalidade, não a entende, entretanto, como uma totalidade “expressiva”: colocado de outra forma, não existe uma relação automática ou de “reflexo” direto entre os diferentes momentos desta totalidade ou entre um momento particular e a totalidade como um todo. Uma análise do capitalismo que não entenda essa unidade entre produção e reprodução retrocede ao materialismo vulgar ou economicismo, e Marx não comete esse erro. Além dos escritos políticos, O Capital é a prova disso, como por exemplo nas seções sobre a luta pelas jornadas de trabalho ou sobre a acumulação primitiva (MARX, 1990). Nestas páginas, se pode ver claramente que a coerção, a intervenção ativa do Estado, e a luta de classes são, de fato, componentes constitutivos de uma relação de exploração que não é determinada apenas por leis econômicas e mecânicas” (ARRUZZA, 2015, p. 54).

A fragmentação das relações sociais de gênero, raça/etnia e classe e a admissão de perspectivas economicistas, contudo, se revelam nas produções de conhecimento científico nas ciências sociais e, do mesmo modo, no Serviço Social, oportunizando a tematização de elementos que deveriam ocupar papel central nas análises, materializando-se como lentes para a compreensão da realidade:

“As questões referentes às pessoas e à sociabilidade são apresentadas, nas ciências sociais, de modo geral, sempre repartidas, divididas, fragmentadas como se cada fenômeno acontecesse apartado do outro. Por exemplo, quem estuda o trabalho não consegue realizar consistentes debates sobre as relações de gênero, quem pesquisa política social dificilmente consegue estudar relações raciais, e assim por diante” (ASSIS, 2022 p. 184).

O impacto de tais entendimentos não se efetivam apenas na produção de conhecimento, mas, pelo contrário, também ganham forma nos processos de formação profissional, onde a centralidade do trabalho e das relações de classe ainda se expressam de maneira predominante.

Cabe mencionar que o objetivo desta análise não é descartar a compreensão do trabalho como atividade ontológica, mas, sim, evidenciar aquelas dimensões que

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

conformam o trabalho nas diferentes latitudes e nos diferentes tempos históricos (ASSIS, 2022, p.112).

Em dezembro de 2014, durante assembleia realizada pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS) no XIV Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social foi aprovada, por unanimidade, a inclusão de pelo menos um componente curricular obrigatório na graduação de Serviço Social, que aborde as temáticas relacionadas às relações sociais de classe, gênero, etnia/raça, sexualidade e geração (ABEPSS, 2016).

O entendimento dessa necessidade partiu da compreensão de que a questão social é mediada dialeticamente por tais relações. A partir de tal discussão, sugeriu-se:

“1) A inclusão, nos conteúdos curriculares obrigatórios, do debate sobre as relações sociais de classe, sexo/gênero, etnia/raça, sexualidade e geração de forma correlacional e transversal; 2) A realização de, no mínimo, uma disciplina que tematize o Serviço Social e as relações de exploração/opressão de sexo/gênero, raça/etnia, geração e sexualidades, preferencialmente, antes da inserção da(o) estudante no campo de estágio. Aqui, ressaltamos, ainda, as Leis 10. 639/03 e 11645/2008, assim como a Resolução nº 01 do Conselho Nacional de Educação- CNE/MEC, no que diz respeito à incorporação obrigatória do tema sobre relações étnico raciais nos currículos; 3) O estímulo à realização de debates, eventos, oficinas e seminários temáticos sobre as relações de exploração/opressão de sexo/gênero, raça/etnia, geração e sexualidades; 4) Apoio aos movimentos sociais e espaços de lutas anticapitalistas, antirracista, antipatriarcal e anti-heterossexista, por meio de parcerias, projetos de extensão, pesquisa, entre outros; 5) A promoção de espaços de estudos e pesquisas sobre o sistema capitalista, patriarcal, racista, heterossexista e adultocêntrico” (ABEPSS, 2016).

A centralidade das relações de gênero, raça/etnia e classe em sua relação dialética nas grades curriculares das graduações e pós-graduações de Serviço Social ainda são uma realidade recente em algumas universidades, sendo que muitos cursos ainda não dispõem de tais abordagens. Neste cenário, ainda, não podemos deixar de demarcar o avanço da lógica de precarização e mercantilização do ensino nos cursos de Serviço Social, com o crescimento expoente de modalidades à

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



distância, que se intensificaram no cenário de pandemia por covid-19 e de exacerbção da barbárie capitalista.

Quando pensamos na generificação e na racialização da classe trabalhadora, bem como na construção sócio-histórica de nosso país, é inconteste a necessidade da centralidade de tais debates nos cursos de Serviço Social. Apesar dos desencontros elencados, não podemos deixar de pontuar a existência de ações, publicações e produções de conhecimento expressivas no que concerne as relações sociais de gênero, raça/etnia e classe em sua unidade dialética no interior da profissão.

Diversas intelectuais contemporâneas do Serviço Social apontam a necessidade da compreensão da indissociabilidade entre gênero, raça/etnia e classe, percebendo a dimensão opressão-exploração em uma lógica dialética. Neste sentido, é primordial destacar que parte da profissão produziu importantes contribuições que favoreceram horizontes antirracistas e feministas interligados à luta anticapitalista no interior da categoria.

A contribuição dos movimentos sociais antirracistas e feministas, igualmente, deve ser mencionada como importante marco na oportunização de ações de resistência e na viabilização de narrativas, oferecendo elementos fundantes para a construção do conhecimento no campo das ciências sociais.

Algumas tendências conceituais, como a interseccionalidade, a consubstancialidade e mais recentemente a teoria da reprodução social, com seus limites e possibilidades, também ganham escopo em parte das produções científicas realizadas pelo Serviço Social, quando pensamos na discussão sobre a indissociabilidade entre gênero, raça/etnia e classe. Da mesma forma, temos o protagonismo de obras de autoras brasileiras, com destaque para Heleieth Saffioti (1987) e Lélia Gonzalez (1987), que adquirem certa capilaridade na produção de conhecimento nesta área do saber.

Nesta esfera, é significativo destacar que as produções que se empenharam na explicação da indissociabilidade entre gênero, raça e classe na sociedade

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

capitalista possuem diversas vertentes e expressões em todo o mundo, sendo que as referências aqui citadas são apenas um recorte deste cenário, não esgotando, em absoluto, o leque de trabalhos e estudos que versam sobre tal temática no campo das ciências sociais aplicadas.

A agenda de intervenções dos órgãos representativos da categoria, conjunto CFESS-CRESS, igualmente, em seu percurso de atuação, viabilizou importantes campanhas e resoluções, que merecem destaque: *O Serviço Social mudando o Rumo da História: reagir contra o racismo é lutar por direitos* (2005), *O amor fala todas as Línguas: Assistente Social na luta contra o preconceito* (2006) e *Assistentes Sociais no combate ao racismo* (2017- 2020). Em 2016, ainda, foi lançada a série *Assistente Social no combate ao preconceito*, onde explanou-se temáticas acerca do uso de substâncias psicoativas, da transfobia e do racismo. As resoluções CFESS n.489/2006, CFESS n. 615/2011 e CFESS n. 845/2018, do mesmo modo, revelam este movimento, no que diz respeito à discussão da diversidade.

A agenda da ABEPSS, igualmente, apresenta importantes contribuições para essa discussão, com a expressiva criação de Grupos Temáticos de Pesquisa, Comissões Temporárias de Trabalho, monitoramento da inclusão de conteúdos curriculares obrigatórios, realização de oficinas e fóruns. Merece destaque a criação do grupo de trabalho intitulado Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Feminismos, Raça/Etnia e Sexualidades em 2013 e a criação da plataforma antirracista em 2018.

Não obstante, é fundamental destacar que a discussão acerca do reconhecimento da unidade dialética entre opressão e exploração, bem como a indissociabilidade entre as relações sociais de gênero, raça/etnia e classe no Serviço Social, ainda apresenta desafios importantes, especialmente quando reconhecemos a diferença fundante entre apresentar tais relações de forma tematizada e utilizá-las como perspectiva para a análise da sociedade:

“As campanhas promovidas pelo conjunto CFESS/CRESS e pela ABEPSS – sobre as quais nos deteremos no próximo capítulo – são fundamentais, elas expressam um esforço no sentido de romper com o silenciamento, por parte

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



das entidades da categoria, sobre as relações raciais. Mas há que se atentar para o risco de que elas permaneçam no lugar da tematização, sendo acessadas e referenciadas apenas pelos estudiosos desses temas” (ASSIS, 2022, p.155).

Neste contexto, pontuamos os encontros e desencontros vivenciados pelo Serviço Social no que diz respeito a esta discussão, assumindo que uma parcela da produção de conhecimento nesta área foi permeada por uma redução economicista do legado marxista ou até mesmo, em alguns casos, a partir do influxo pós-moderno, pelo ecletismo de diversas matrizes teórica, como pontua Oliveira (2021, p. 20):

“Entretanto, através de amplo e diversificado arcabouço teórico metodológico, muitas dessas análises se fundamentam em matrizes teóricas distintas, inclusive avessas ao marxismo. Acreditamos que talvez isso seja reflexo, por um lado, do marxismo economicista que se opôs historicamente a analisar criticamente a raça, o gênero e a sexualidade como questões centrais do ordenamento capitalista, forjando a emergência de estudos culturalistas, muito influentes em alguns estudos feministas, nos quais predomina a ausência da análise da totalidade social. Sendo que essa abordagem pode ter impactado as análises do Serviço Social. E, por outro lado, do influxo pós-moderno, expressamente antimarxista, presente em algumas pesquisas do Serviço Social, que passam a combinar ecleticamente diversas matrizes teórico-metodológicas, revelando uma fragilidade metodológica”.

O destaque para as fragilidades de incorporação de tais análises, todavia, não pretende impor uma discussão moralizante acerca do projeto ético-político em curso, muito menos, menosprezar a rica produção bibliográfica e a importante agenda de intervenções engendrada no processo sócio histórico da profissão.

A articulação da indissociabilidade entre gênero, raça/etnia e classe é complexa e apresenta desafios importantes, até mesmo quando os autores e autoras possuem o objetivo de se debruçar sobre o reconhecimento da centralidade das relações de gênero e raça no âmbito da sociedade capitalista. Assis (2022) pontua tal dificuldade:

“O estudo que ora apresentamos buscou debruçar-se sobre a dimensão racial da questão social. E ao fazê-lo outras dimensões infelizmente acabaram por ser negligenciadas, como a de gênero por exemplo. Isso se deve muito mais pela impossibilidade de realizar um bom estudo, dada a dificuldade de articular competentemente duas determinações tão centrais e

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SAO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

complexas, do que pelo não reconhecimento da centralidade das relações de gênero na dinâmica das relações sociais” (ASSIS, 2022, p. 185).

A fragmentação das análises também é demarcada por Oliveira (2021, p. 158-159), que elucida:

“De forma geral, nos artigos sobre mulheres, gênero e feminismo quase não há referenciais que contemplem a questão racial, expressando uma “desracialização” do gênero e da classe. Embora a dimensão racial apareça como parte da totalidade social, não há, de forma geral, uma integração que fundamente as relações sociais racializadas. Em suma, os artigos citam a questão racial, mas não desenvolvem mediações sócio-históricas [...] Por outro lado, os estudos raciais mobilizam os conceitos e categorias em torno das relações sociais capitalistas e racializadas e tendem a resgatar pensadores/as negros/as importantes, como Clóvis Moura, Abdias Nascimento e Silvio Almeida, mas, também não tecem muitas considerações sobre o gênero. Portanto, em ambos os casos, mesmo que haja a tentativa de analisar a totalidade como complexo social que engendra as relações sociais generificadas e racializadas, no momento na análise há “um recorte” ou fragmentação dessa realidade, o que, na nossa concepção, impossibilita apreender as contradições mais viscerais entre classe, gênero e raça. E, por último, os estudos sobre sexualidade e diversidade sexual dialogam de forma predominante com produções pós-estruturalistas e pós-modernas, apresentando-se como uma tendência eclética prevalecente, por mais que se situem teoricamente no campo marxista”.

Deste modo, entendemos que o caminho para a aproximação de análises que compreendam a relação dialética existente entre gênero, raça/etnia e classe no Serviço Social envolve a apropriação dos elementos sócio históricos de nosso país, o enfrentamento do colonialismo, o confronto da dominação eurocêntrica nas universidades, a oposição ao reducionismo econômico do legado marxista, entre outras importantes ações, que já se expressam de maneira significativa em parte das ações dessa categoria profissional.

Este caminho é fundamental para que o Serviço Social avance no horizonte crítico, alinhado a novas possibilidades societárias, livres das dominações de gênero, raça/etnia e classe, conforme postula seu projeto ético-político. Entende-se, igualmente, que esta compreensão é vital para o desenvolvimento crítico das políticas sociais, em um momento de extrema polarização política e de avanço da barbárie capitalista.

PROMOÇÃO



APOIO



3. CONCLUSÃO

Este ensaio teve como premissa a reflexão sobre os limites e possibilidades da compreensão e da admissão da unidade dialética existente entre gênero, raça/etnia e classe na produção de conhecimento e na formação em Serviço Social, bem como seus rebatimentos no cotidiano profissional. Sem esgotar este assunto, que é complexo e merece destaque significativo nas agendas da profissão, compreendemos que a apreensão de tal unidade dialética ainda se materializa como um importante desafio para esta categoria.

A centralidade da discussão acerca da racialização e da generificação da classe trabalhadora, apesar dos avanços obtidos no que concerne tal discussão nos últimos anos, ainda, possuem capilaridade incipiente em parte das produções científicas e na formação desta área profissional, especialmente, quando pensamos em uma análise perscrutada sobre as raízes de tais relações em seu princípio organizativo e em sua conexão dialética com o capitalismo.

A história de nosso país, marcada pela invasão, saqueamento e genocídio da população negra e dos povos originários refletem elementos que configuram nossa sociabilidade. Reconhecer essa história e tomá-la como perspectiva de análise é fundamental neste contexto. Do mesmo modo que compreender a unidade entre a produção capitalista e a reprodução da vida humana e seu impacto no processo de dominação-opressão-exploração de mulheres é essencial.

Não podemos deixar de destacar que a fragmentação das análises no que concerne a discussão da indissociabilidade entre gênero, raça/etnia e classe é tarefa complexa, que apresenta desafios importantes, até mesmo para autores e autoras que possuem o objetivo de se debruçar sobre o reconhecimento da centralidade das mesmas no âmbito da sociedade capitalista.

Entendemos, neste contexto, que a apropriação dos elementos sócio-históricos de nosso país, o enfrentamento ao colonialismo, o confronto da dominação eurocêntrica das universidades e a oposição ao reducionismo econômico do legado

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



marxista, já em curso nas ações engendradas por parte da categoria, apresentam-se como caminhos importantes para o avanço do Serviço Social em uma perspectiva crítica, alinhada a novas possibilidades societárias, livres das dominações de gênero, raça/etnia e classe.

4. REFERÊNCIAS

ABEPSS. GTP: Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Geração, Sexualidades, 2016. Disponível em: <https://abrir.link/sK2Wd>. Acesso em: 23/06/2023.

ANTUNES, Ricardo. Capitalismo pandêmico. Boitempo Editorial, 2022.

ARRUZZA, Cinzia. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. Outubro Revista, n. 23, p. 33-58, 2015.

ASSIS, Eliane Santos de. A fundamental radicalização e racialização da questão social para um projeto profissional antirracista no serviço social. Tese de Doutorado em Serviço Social. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2022.

BARROCO, Maria Lucia Silva; TERRA, Sylvia Helena. Código de ética do (a) assistente social comentado. Cortez Editora, 2012.

BARROSO, Milena Fernandes. Notas para o debate das relações de exploração-opressão na sociedade patriarcal-racista-capitalista. São Paulo: Serviço Social e Sociedade, n. 133, p. 446-462, set./dez. 2018.

EURICO, Márcia Campos. A percepção do assistente social acerca do racismo institucional. In.: Serviço Social e Sociedade. São Paulo, n. 114, p 290-310, abr./jun. 2013.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



_____. A luta contra as explorações/opressões, o debate étnico-racial e o trabalho do assistente social. São Paulo: Serviço Social e Sociedade, n. 133, p. 515-529, set./dez. 2018.

FONSECA, Rhaysa Sampaio Ruas da. Unidade, diversidade, totalidade: a Teoria da Reprodução Social e seus contrastes. Dissertação de Mestrado em Direito Civil Constitucional; Direito da Cidade; Direito Internacional e Integração Econômica. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013 [1867].

NETTO, José Paulo. Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64. 8ª Edição. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

OLIVEIRA, Rayane Noronha. Serviço Social, classe, gênero e raça: tendências teórico-metodológicas e as possíveis contribuições da Teoria Unitária. Tese de Doutorado em Serviço Social. Rio Grande do Norte: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2021.

PROMOÇÃO



APOIO

